



## JUVENTUDES, ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: REINVENTANDO SABERES E EXPLORANDO PRÁTICAS

*Youth, history teaching, and digital technologies:  
Reinventing knowledge and exploring practices*

*Jóvenes, enseñanza de la historia y tecnologías digitales: reinventar el conocimiento y  
explorar las prácticas*

Bruna Carolina Marino Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo buscou refletir sobre os caminhos possíveis para um ensino de história conectado a cultura juvenil, por meio do desenvolvimento do projeto “História Digital Escolar” com estudantes do 2º ano do ensino médio. Nesse sentido, a partir de uma pesquisa empírica e bibliográfica pode-se evidenciar que as tecnologias digitais foram compreendidas e utilizadas como potencializadoras das aprendizagens históricas (RÜSEN, 2010; CERRI, 2014, WANDERLEY, 2016; BARCA, 2014; ALVES, 2011). O projeto buscou desenvolver um ensino de história híbrido onde os alunos pudessem explorar e integrar os recursos tecnológicos e midiáticos aos processos científicos de produção e divulgação do conhecimento histórico na sociedade, além de contribuir para o senso crítico dos jovens por meio do pensamento histórico e de uma atitude responsável e cidadã diante da cultura digital e dos seus impactos no mundo.

**Palavras-chaves:** Juventudes. Ensino de história. Tecnologias. Cultura digital.

**Abstract:** This paper sought to consider possible paths for teaching history in connection with the youth culture, by developing the project “*História Digital Escolar*” [“Digital School History”] with students of the 2<sup>nd</sup> year of upper secondary education. In this sense, based on empirical and bibliographic research, it was possible to see that digital technologies have been understood and used as tools to enhance the learning of history (RÜSEN, 2010; CERRI, 2014, WANDERLEY, 2016; BARCA, 2014; ALVES, 2011). The project sought to develop a hybrid teaching of history where students could explore technological and media resources and integrate them to the scientific processes of production and dissemination of knowledge about history in society, in addition to contributing to the critical thinking of young people through historical thinking and a responsible and civic attitude towards digital culture and its impacts on the world.

**Keywords:** Youth. History teaching. Technologies. Digital culture.

---

<sup>1</sup> Mestra em História Social, Secretária da Educação do Estado de São Paulo, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: brunamarinorodrigues@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5833354222529029>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1742-4809>.

**Resumen:** Este artículo pretende reflexionar sobre posibles formas de enseñar historia en conexión con la cultura juvenil, a través del desarrollo del proyecto "Historia Digital Escolar" con alumnos de 2º curso de secundaria. En este sentido, a partir de investigaciones empíricas y bibliográficas, se observa que las tecnologías digitales fueron entendidas y utilizadas como potencializadores del aprendizaje histórico (RÜSEN, 2010; CERRI, 2014, WANDERLEY, 2016; BARCA, 2014; ALVES, 2011). El proyecto buscaba desarrollar una enseñanza de la historia híbrida donde los estudiantes pudieran explorar e integrar los recursos tecnológicos y mediáticos con los procesos científicos de producción y difusión del conocimiento histórico en la sociedad, así como contribuir al sentido crítico de los jóvenes a través del pensamiento histórico y una actitud responsable y ciudadana frente a la cultura digital y sus impactos en el mundo.

**Palabras clave:** Juventud. Enseñanza de la historia. Tecnologías. Cultura digital.

## Introdução

O sinal toca, entro na sala de aula do 2º ano do ensino médio, minha sexta aula do dia, todos estão vibrantes e nem perceberam minha entrada, parecia que eu tinha me desmanchado naquela cadeira e nem me notavam. Digo alto:—Bom dia!!!!A maioria me cumprimentou, mas outros continuaram a olhar no celular, dispersos, vidrados navegando pelos mundos virtuais. Alguns instantes o silêncio rondava a sala, em outro momento alguns conversavam respondendo mensagens via *WhatsApp* ou respondendo *storys* no *Instagram*. A sala de aula parecia um universo paralelo ao digital, ao mesmo tempo que se tornava híbrida produzida por essa cultura digital.

Esse momento em sala de aula transfigurado em palavras escritas nessa narrativa demonstram os desafios e dilemas dos professores em sala de aula. Dilemas do ensinar e do fazer aprender no presente. A pandemia causada pelo coronavírus transformou as dinâmicas do ensino e da aprendizagem, o ambiente escolar e a sala de aula foram transformadas em um ambiente remoto mediado pelas tecnologias digitais.

Os professores tiveram que reinventar suas práticas pedagógicas e os alunos também ao estudarem através das plataformas digitais. Isso gerou um grande impacto na educação, tanto em relação aos prejuízos para as aprendizagens dos alunos, como pela falta de infraestrutura em um país marcado pela exclusão digital de milhares de crianças e jovens. Questões que envolvem a conscientização de que as tecnologias digitais podem se transformar em importantes instrumentos para as aprendizagens dos estudantes brasileiros. Nesse sentido, superar as exclusões digitais e torná-las potencializadoras é um desafio do uso das tecnologias digitais na educação brasileira.

A relação intergeracional, professor x aluno, ocorre em um ambiente multifacetado e que compreende as diversidades e complexidades das juventudes na sala de aula, ao mesmo tempo, essa relação complexa e rica esbarra muitas vezes no desinteresse dos alunos pelo conhecimento escolar. Um dos desafios para os professores de maneira geral e para os professores de história, isto porque o papel do professor para além do conhecimento escolar é também constituído pelas relações afetivas e motivacionais (FREIRE, 1996).

Juventudes multifacetadas, tecnológicas e independentes que experenciam o mundo no imediatismo das redes sociais digitais, enquanto vivem em uma escola que ainda permanece analógica, que se adapta a tecnologia e por isso transita entre a sua cultura escrita e a cultura digital. A escola, o espaço escolar e a sala de aula são atravessadas pelos processos e práticas sociais que advêm da cultura digital. Desse modo, é quase impossível fazer um debate sobre a educação na atualidade e não levantar a questão dos impactos da tecnologia na cultura escolar e no ensino de história<sup>2</sup>.

Essas novas configurações da cultura juvenil de nosso tempo presente geraram tensões e conflitos que causam desinteresse dos estudantes para o conhecimento escolar, mas também nos fazem refletir sobre os dilemas das relações existentes entre a escola e as juventudes, a tecnologia, a educação e o ensino de história.

A dinâmica do ciberespaço tem propiciado mudanças no campo da historiografia e no ensino de história. A virada digital expressou esse momento de reflexões sobre os impactos das tecnologias digitais e da internet na criação de outros espaços para pesquisa, ensino e divulgação do conhecimento histórico. As características da sociedade em rede configuraram novos espaços de memória, sociabilidades e práticas sociais e culturais. Essas configurações têm possibilitado a publicização do conhecimento histórico através das mídias digitais e com isso aumentado o interesse das pessoas pela história e pelo passado.

Segundo os historiadores Bruno Leal P. de Carvalho e Anita Lucchessi (2016) as plataformas de educação a distância (EAD), planos de aula online, objetos educacionais digitais, aplicativos, gamificação, plataformas de vídeo, museus virtuais, arquivos digitais,

---

<sup>2</sup> É importante destacar que a comunidade historiadora que ensina e pesquisa o ensino de história tem evidenciado a importância do conhecimento histórico produzido no espaço escolar. De todo modo, a comunidade historiadora têm investigado os impactos da tecnologia em suas várias dimensões, seja através das aprendizagens com tecnologias, gamificação e história pública. Nesse sentido, estudos como de Marcela Albaine da Costa (2019) demonstram que a escola é produtora de conhecimento, destacando que nas salas de aula se produzem saberes e fazeres, que embora nem sempre sejam por meio das tecnologias estão marcadas por elas. Nesse sentido, a escola e o ensino de história são lugares de produção historiográfica escolar digital.

podcasts e redes sociais tem possibilitado que professores de história utilizem em suas práticas pedagógicas novas formas de ensino e aprendizagem histórica<sup>3</sup>.

Por outro lado, segundo Mirian Hermeto e Rodrigo de Almeida Ferreira (2021) a possibilidade de qualquer pessoa acessar dados e escrever uma narrativa histórica com ampla circulação tem colocado em dúvida o valor da História. Os negacionismos e o revisionismo ideológico, antigos alçôques da historiografia brasileira e as *fakes news* que circulam na internet também se disseminaram entre os alunos na sala de aula. Professores de história tem relatado com mais frequência questionamentos, acusações<sup>4</sup> e até perseguições (HERMETO, FERREIRA; 2021).

Em meio a um cenário hipermediático, de propagação de *fake news* e de negacionismos muitos querem o apagamento do conhecimento histórico das disciplinas escolares. Nos últimos tempos, os professores de história e de ciências humanas enfrentaram uma reforma do ensino médio que excluiu a história e outros saberes das ciências humanas como disciplinas obrigatórias da grade curricular evidenciando a desvalorização das contribuições do saber histórico, das humanidades e das artes para os estudantes e para a sociedade brasileira.

Diante da crise e de um futuro incerto para o ensino de história, reformas como a do novo ensino médio tiveram como consequência a desvalorização do ensino de história a partir da diminuição de aulas na grade curricular, bem como a perda de sua autonomia enquanto disciplina escolar. Nesse cenário, os professores de história e educadores brasileiros reafirmaram a importância do conhecimento histórico para a formação humanística, ética,

---

<sup>3</sup> Os estudos sobre o uso dos recursos tecnológicos no ensino de história têm se desenvolvido desde os anos de 1990 evidenciando o uso da informática e de computadores por professores de história. ver: FRANÇA, Cyntia Simioni; SIMON, Cristiano Biazzo. Como conciliar o ensino de história e as novas tecnologias; FRANÇA, DUARTE GARCIA, Thais Silva, PINHO, Rachel Tegen de. Ensino de História e Uso da tecnologia. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e diálogo social. Natal- Rio Grande do Norte, 2013. FIGUEIREDO, Luciano. História e informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>4</sup> Segundo Mirian Hermeto e Rodrigo de Almeida Ferreira (2021) entre as acusações contra os professores de história o ponto em comum é dizer que os professores ensinam uma história unilateral e ideológica. Neste contexto, temos projetos como Escola Sem Partido que buscam perseguir professores na suposta “neutralidade” do ensino (PENNA, 2018). Além de empresas como Brasil Paralelo, de viés ideológico tem produzido conteúdos revisionistas e negacionistas sobre a história do Brasil, além de atacar historiadores e professores de história (BALESTRO, 2020; NICOLAZZI, 2021).

solidária e profissional<sup>5</sup> dos estudantes e, portanto, fundamental para a formação geral básica desse jovem ao longo da sua vida estudantil.

Por isso, é urgente e necessário que as tecnologias<sup>6</sup> possam ser compreendidas como um meio e transformadas em ferramentas potencializadoras da aprendizagem histórica contribuindo para o desenvolvimento do pensamento histórico e do senso crítico, possibilitando que esses jovens despertem a consciência para uma atitude cidadã e responsável diante da cultura digital e dos seus impactos no mundo.

O projeto História Digital Escolar surgiu neste contexto pós-pandêmico e de reestruturação do ensino médio. Nesse cenário, a tecnologia que parecia ter sido uma barreira se transformou em um meio para desafiar os jovens, já que eles traziam consigo uma atitude de inquietação diante das aulas de história e de querer explorar o ensino e a aprendizagem em história de maneira que fosse conectada a sua cultural juvenil digital.

Na esteira das reflexões de José Armando Valente e Maria Elizabeth B. de Almeida (2012), o projeto se orientou para uma perspectiva integrada e integradora das tecnologias e linguagens midiáticas ao currículo, ou seja, uma *web currículo*<sup>7</sup>, e que buscou por meio da produção de narrativas digitais potencializar as aprendizagens dos estudantes a partir de novas formas de construir os conhecimentos escolares. Assim, o projeto se articulou a um:

---

<sup>5</sup> Assim o ensino médio não deve ser uma educação tecnicista, onde somente se privilegia uma formação técnica e fragmentária com a falta de aprofundamento nas disciplinas de formação humana. Para ver um documento sobre a revogação da reforma do ensino médio acessar: Carta Aberta pela revogação do ensino médio ANPUH, disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/noticias-sp/noticias-destaque-sp/item/6929-carta-aberta-pela-revogacao-da-reforma-do-ensino-medio-lei-13-415-2017> . Acesso em 10/05/2023.

<sup>6</sup> O acesso à internet cresceu durante a pandemia, mas a exclusão digital continua afetando milhares de jovens brasileiros. A pandemia impôs uma lacuna para os estudantes de baixa renda que foram prejudicados pela falta de infraestrutura e acesso à internet, o que acentuou ainda mais as desigualdades sociais e das oportunidades de aprendizagem. Segundo o professor Ivan Claudio Siqueira (2021) nós não temos no Brasil projetos que incluam todos os segmentos populacionais naquilo que é o básico da informática. A educação é um elemento fundante para a própria sobrevivência, as oportunidades de trabalho e para seu entendimento enquanto pessoal. Por isso a inclusão digital deve ser um direito de todo cidadão. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/exclusao-digital-pandemia-impos-mais-uma-lacuna-aos-estudantes-de-baixa-renda/>

<sup>7</sup> Desse modo, compreende-se a *web currículo* como sendo um processo no qual as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) se encontram imbricadas no desenvolvimento do currículo em atividades pedagógicas, nas quais professores e alunos se apropriam destas tecnologias e as utilizam para ensinar e aprender (ALMEIDA, VALENTE, 2012).

currículo que integra as TDIC em processos que expandem os tempos e espaços educativos; envolvem busca, organização, interpretação e articulação de informações; a reflexão crítica; o compartilhamento de experiências; a produção de novos conhecimentos na compreensão histórica do mundo e da ciência. Neste contexto, as narrativas constituem importante atividade, cuja análise e compreensão permitem compreender como estes processos podem ser implementados (ALMEIDA, VALENTE, 2012, p. 61).

Dessa forma, visando possibilitar um ensino de história conectado a cultura digital e que na prática a tecnologia fosse um meio de aproximação entre a cultura juvenil e a cultura escolar, foi idealizado o projeto História Digital Escolar pela professora conjuntamente com os estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Antônio de Barros Serra<sup>8</sup>. O projeto buscou desenvolver um ensino de história híbrido onde os alunos pudessem explorar os recursos tecnológicos e midiáticos aos processos científicos de produção do conhecimento histórico escolar e sua divulgação na sociedade. De todo modo, antes de discutir o desenvolvimento do projeto, vamos compreender as demandas e necessidades das juventudes brasileiras no tempo presente.

Nesse sentido, refletir sobre as juventudes é pensar sobre o que os jovens anseiam para o seu futuro? Quais compromissos a escola deve assumir para compreender as juventudes brasileiras em suas diversidades e atraí-los para o conhecimento? Como o ensino de história pode contribuir para a formação humana e histórica desses jovens em meio as crises econômicas geradas pelo capitalismo onde o futuro parece incerto? Assim, diante de tantos questionamentos esse texto buscou refletir sobre os caminhos possíveis para um ensino de história conectado com os anseios e necessidades das juventudes no tempo presente, sobretudo mostrar caminhos possíveis para aprendizagens históricas conectadas com as juventudes em suas diversidades e as novas demandas do tempo presente em um mundo digital.

### **Juventudes, história e escola: passado-presente**

Os jovens nas últimas décadas têm sido impactados pelas transformações globais, de um mundo cada vez mais acelerado pelas tecnologias e pelas complexas redes de informação e comunicação, num cenário econômico onde as crises do capitalismo sob neoliberalismo têm

---

<sup>8</sup> O programa Novotec oferta cursos técnicos e profissionalizantes gratuitos, de orientação vocacional e oportunidades de estágio para jovens do Estado de São Paulo. O 2º Novotec da escola Antônio de Barros Serra é integrado ao ensino médio (formação geral básica) e conta com a parceria do Centro Paulo Souza – ETEC – Philadelpho Gouvêa Netto de São José do Rio Preto.

criado uma atmosfera de incertezas com o aumento do desemprego e o acirramento das desigualdades sociais no mundo.

Segundo a pesquisa da UNICEF em 2022 cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes, entre 11 a 19 anos, estiveram fora da escola ou evadiram no ensino médio durante e no pós-pandemia. A fundação Getúlio Vargas (FGV) Social em parceria com o movimento Todos Pela Educação, lançou também em 2009 a pesquisa “Motivos da Evasão Escolar” onde evidenciou que em 2006 um grupo de jovens de 15 a 17 anos demonstrou que a principal razão para não estar estudando estava vinculada à falta de interesse dos estudantes 40,3% ou motivos de trabalho 27,1% , e apenas em último lugar apareciam os motivos de problemas de oferta educacional 10,9% (NERI, 2021, p.13)<sup>9</sup>.

A FGV Social (2021) em estudos recentes tem sinalizado para o quadro de vulnerabilidades dos mais jovens brasileiros, chamado de efeito-cicatriz, demonstrou os impactos da pandemia em toda uma geração<sup>10</sup>. O mais agravante se situa entre os jovens que estão fora do mercado de trabalho e de escolas e universidades, os chamados Nem-Nem<sup>11</sup>. Assim, só na pandemia a desocupação na faixa de 15 a 29 anos subiu de 49,37% para 56,34%. Este é o fator dominante exercido nas medidas do uso do tempo dos jovens (NERI, 2021, p.4). Além da pandemia, Marcelo Neri (2021) evidenciou as graves perdas que as juventudes enfrentaram em relação as crises econômicas e retrocessos trabalhistas desde 2014. Sendo que ocorreu o aumento da concentração de renda, o que gerou mais desigualdades entre os jovens brasileiros.

De acordo com o Atlas da Juventude (2022) a população jovem vive em um cenário de constante violação dos seus direitos e que estão relacionadas as questões de raça, gênero e classe social. O impacto da pandemia agravou essa situação refletindo nos processos

---

<sup>9</sup> A pesquisa da FGV Social ainda revela a surpreendente queda da taxa de evasão escolar durante a pandemia, que se faz presente em todos os grupos jovens, atingindo o nível mais baixo da série em 2020.4 com 57,95% de 15 a 29 anos, era 62,2% em 2019.4. A combinação entre falta de oportunidades de inserção trabalhista com menor cobrança escolar (presença e aprovação automática), o crescimento dos Nem-Nem podem explicar a menor evasão. Segundo Marcelo Neri a redução do custo de oportunidade trabalhista dos jovens, que é uma perda em si e ações de aprovação e presença automática geram incentivos espúrios a volta dos jovens as matrículas escolares.

<sup>10</sup> Durante a pandemia do coronavírus, as juventudes brasileiras foram impactadas negativamente em diversos domínios e há um risco de que se configure uma “geração perdida” caso ações não sejam tomadas para reverter esses impactos (NERI, 2022, p.12)

<sup>11</sup> O termo “nem-nem” (de “nem trabalha, nem estuda”) refere-se à população jovem fora do mercado de trabalho e de instituições educacionais (WIKIPÉDIA, 2022). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nem-nem> . Acesso em 10/01/2023.

educacionais e de trabalho, bem como na sua saúde mental. As evidências apontam para um contexto excludente e violento e que acaba por impor barreiras para o desenvolvimento das juventudes. Por outro lado, o estudo aponta que devemos considerar que as juventudes brasileiras são plurais e potentes. Nesse sentido, o Atlas da Juventude (2022) evidenciou ser necessário que se demonstre a importância do desenvolvimento de ações políticas, sociais, culturais e educacionais que considerem as juventudes como um segmento estratégico para o futuro.

A juventude pode ser definida como uma fase da vida, transitória entre o período da infância e a maturidade. As Nações Unidas a definem como a faixa etária que abrange pessoas entre os 15 e os 24 anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Juventude, promulgado em 2013, define os jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade (BRASIL, 2013). Assim, a juventude tem muitas definições, considerada como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social ou uma geração (FREITAS; LEÓN; ABRAMO, 2005).

A juventude sempre foi considerada como um importante sujeito social de transformação das sociedades modernas impulsionando lutas contra as desigualdades sociais e de regimes autoritários, bem como de reflexões sociológicas e históricas sobre seu papel nas sociedades para a construção de políticas públicas nacionais, a exemplo temos como marco a promulgação do Estatuto da Juventude em 2013 onde se dispõe sobre os direitos dos jovens e na promoção de igualdade e equidade social para essa população.

Os jovens marcaram a história do século XX e XXI produzindo e reinventando práticas sociais e culturais através das artes, da política e da tecnologia. Me refiro aos movimentos de jovens como as manifestações culturais e contraculturais no Brasil nos anos 1960 e que ocorreram durante os Festivais de Música Popular Brasileira e do movimento Tropicália.

Nos Estados Unidos tivemos movimentos políticos e culturais como as manifestações contraculturais e sua relação com os jovens e a tecnologia no Vale do Silício nos anos de 1970 e 1980. A luta da juventude negra pelos direitos civis americanos contra a segregação racial, como panteras negras e os *Black Power*. E no Brasil também com a organização da luta antirracista pelo movimento negro unificado.

As mulheres e a 2ª onda do feminismo que lutaram por igualdade de gênero no mercado de trabalho, na sexualidade e pela liberdade feminina. Os jovens franceses em maio



de 1968 e os protestos por reformas no sistema educacional. As mobilizações da juventude no México por melhoria na educação contra as ações do governo Gustavo Díaz Ordaz que reprimiu violentamente esse movimento onde o governo disparou contra estudantes e trabalhadores conhecido como Massacre de Tlatelolco em 1968.

De acordo com Alain Touraine (1970), uma mudança radical nas estruturas sociais se processou durante a década de 1960. Para Touraine (1970) o processo de modernização industrial havia dado origem a uma sociedade orquestrada por outras relações de produção. Neste sentido, uma nova fase do capitalismo fez com que o trabalho assalariado perdesse sua centralidade, isto é, a forma de acumulação do capital foi suplantada por uma nova forma de organização social, voltada para o consumo, pela centralidade do conhecimento e da informação e pelo poder tecnocrático.

Segundo Touraine (1970) a categoria juventude seria a que mais lutou contra a tecnocracia por meio da subversão social e cultural, mais ainda do que pela subversão econômica. Para Touraine, essas transformações fizeram com que as lutas sociais não fossem mais travadas no âmbito das relações econômicas e das coletividades, mas contra o poder de integração, manipulação e agressão que atinge todos os domínios da vida social e que formam o conjunto da personalidade/identidade e que mobilizou as juventudes. Portanto, a juventude se tornava capaz de subverter as antigas relações entre patrão e o assalariado no âmbito das relações sociais e culturais transformando-se na categoria onde nascem os novos conflitos sociais e o poder de resistência desses atores sociais.

Segundo Eric Hobsbawm (1994) os movimentos juvenis na década de 1960 eram:

transnacionais, movimentando-se e comunicando idéias e experiências através de fronteiras com facilidade e rapidez, e provavelmente estavam mais à vontade com a tecnologia das comunicações que os governos. Como revelou a década de 1960, eram não apenas radicais e explosivas, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social (HOBBSAWM, 1994, p. 292).

Quebrando paradigmas e demonstrando insatisfação com a moral e a ordem social vigentes ao longo do século 20 os jovens se transformaram em protagonistas, mas também em um grande nicho consumidor para o capitalismo, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa (HORKHEIMER; ADORNO, 2002). No pós-segunda guerra mundial surgiram estudos importantes sobre os jovens e a juventude relacionados a pedagogia e as

ciências sociais como a sociologia da juventude. Segundo Juarez Dayrell (2003) construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais. Com isso, compartilhando da visão do sociólogo Juarez Dayrell, que compreende a categoria juventude no seu plural:

a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 24).

Nesse estudo os jovens são compreendidos em suas diversidades de serem jovens, o que implica uma visão que considera e evidencia as juventudes para além de uma fase da vida, classificada entre os 15 aos 29 anos, passageira, onde ocorre uma mudança física e psicológica, mas a concebe como uma representação social e histórica, que varia de acordo com cada tempo histórico e que estão conectadas as condições culturais, de gênero e região geográfica (DAYRELL, 2003).

No Brasil, a juventude também impulsionou protestos contra a ordem social, econômica e política se mobilizando contra o autoritarismo dos militares, como o movimento estudantil, que se constituíram como um agente social fundamental, denunciando através de protestos a censura, tortura e mortes durante o período ditatorial. Além de lutarem pela democracia no país e se mobilizaram durante os anos 1980, a partir das “Diretas Já” e dos Caras Pintadas que envolveram jovens de todas as partes do nosso país.

Já nos anos de 1990, diversas crises econômicas e sociais se abateram sobre o Brasil, os jovens tiveram que conviver com as constantes crises do capitalismo e com os impactos dos processos de modernização da sociedade.

A sociedade se vê atravessada por processos societários inéditos como consequência de mutações de natureza global. Um tempo histórico de aceleração temporal estaria criando uma nova juventude (LECCARDI, 2006). Essa se desenvolveria em contextos de novas alternativas de vida apresentadas pelo desenvolvimento científico-tecnológico e novos padrões culturais nos relacionamentos entre as gerações, mas também de riscos e incertezas de um processo de globalização marcado pela desigualdade de oportunidades e pela fragilização dos vínculos institucionais (CARRANO, 2012, p. 86).

Chamados de geração em rede, geração digital ou geração z, essa nova juventude foram as crianças que cresceram num contexto hipermediático utilizando a comunicação de maneira rápida e instantânea através de várias tecnologias e meios como: televisão, computador, celular e videogames. Os modos de pensar e seus comportamentos foram transformados pelas tecnologias digitais, por isso essa geração difere de todas as outras no passado porque cresceu na era digital. Segundo Wim Veen e Ben Vrakking (2009), essa geração seria a do *homo zappiens*, pois aprende desde cedo que há muitas fontes de informação e cada uma delas pode ter a sua verdade. Por isso, esses jovens tendem a filtrar essas informações e aprender seus conceitos através de redes de amigos com quem se comunicam através das redes sociais na internet. A escola não parece ter influência sobre suas atitudes e valores (VEEN; VRAKKING, 2009).

Mas por que isso ocorre? Segundo Veen e Vrakking (2009), as gerações que nasceram na era digital não aprendem mais de maneira linear, mas sim jogando ou praticando. Quando tem alguma dúvida ou encontram algum problema buscam a informação na internet ou mandam em algum fórum em rede social. São jovens que querem respostas instantâneas para suas perguntas. O *homo zappiens* também executa múltiplas tarefas e desenvolveu a habilidade de incorporação de símbolos e ícones para a busca da informação, isto é, pensam por imagens, além de terem habilidades colaborativas para debaterem e resolverem problemas. Sendo assim, a escola ainda se encontra analógica utilizando as tradicionais formas de ensino e aprendizagem para estudantes digitais, gerando um tensionamento e falta de interesse dos jovens pela escola e pelo conhecimento.

A escola tradicional, espaço de construção do saber e socialização ocupa um papel fundamental na formação humana e profissional das juventudes, contudo, vive uma crise motivada principalmente pelas transformações tecnológicas e comunicacionais que reorganizaram e descentralizaram os tradicionais centros de produção e disseminação das informações e dos conhecimentos.

De acordo com Juarez Dayrell (2007) tal processo caracteriza-se pelo desmoronamento dos muros da escola que garantiram antes a autonomia da instituição escolar. Além disso, nos últimos anos as mídias penetraram e interferiram nos espaços institucionais, a escola perdeu o monopólio cultural concorrendo com os meios de comunicação, as mídias digitais e a indústria cultural, ao mesmo tempo que temos o aumento

das situações de violência nas escolas e de violação dos direitos dos jovens e precarização do trabalho docente que interferem diretamente nas aprendizagens dos estudantes.

Diante de tantas mudanças, segundo Dayrell (2007), a mais marcante foi o processo de massificação da escola pública, que até os anos de 1990 era acessível somente para os jovens das camadas médias e altas. A expansão das escolas públicas significou a superação das barreiras que impediam antes as classes populares de frequentarem o ensino médio, tornando-o obrigatório. A escola começou a receber alunos cada vez mais diversos que se apropriam do espaço escolar reinventando seus espaços e dando novos sentidos construindo suas identidades, mas também a escola é lugar onde se expressam e estão expostas as inúmeras vulnerabilidades dos nossos estudantes. Uma sociedade historicamente desigual e excludente como a brasileira faz com que esses jovens levem consigo, para o interior da escola muitos conflitos e contradições que interferem em suas trajetórias e em suas aprendizagens. (DAYREL, 2007).

Segundo a historiadora Sonia Wanderley essas transformações tecnológicas e comunicacionais modificaram o sentido de ensinar e o papel que a escola e o professor desempenham na vida social (WANDERLEY, 2016). Diante desse contexto, fica evidente que é urgente incorporar e acolher o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços e que constituem as juventudes no presente. Assim:

Com a desinstitucionalização e o conseqüente ruir dos muros da instituição escolar, há uma mutação nesse processo. A escola é invadida pela vida juvenil, com seus looks, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo. O “tornar-se aluno” já não significa tanto a submissão a modelos prévios, ao contrário, consiste em construir sua experiência como tal e atribuir um sentido a este trabalho (Dubet, 2006). Implica estabelecer cada vez mais relações entre sua condição juvenil e o estatuto de aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar (DAYRELL, 2007, p.11120).

Os jovens da era digital são autônomos e querem ser protagonistas de suas vidas. Questionadores e com múltiplas habilidades os jovens da geração z ou geração digital querem ser os agentes de suas aprendizagens, porém, para ativar esse protagonismo necessitam do papel fundamental do professor, que os oriente para o desenvolvimento das suas

aprendizagens, um mediador que por meio da linguagem, dos signos e de ferramentas e artefatos culturais construa com eles o conhecimento (SIMAN; COELHO, 2015).

De acordo com a professora Shirlei Rezende Sales (2014) as juventudes são protagonistas nesse processo, pois interagem com as tecnologias que produzem e orientam seus comportamentos, suas existências. As tecnologias são um elemento constitutivo das culturas juvenis, grupo cada vez mais híbrido e ciborguizado<sup>12</sup> que constrói suas ações e pensamentos de uma forma simbiótica com as tecnologias, gerando impactos em suas atitudes e posturas que influenciam no mundo físico desses jovens (SALES, 2014).

As redes sociais têm se constituído como as principais formas de socialização dos jovens produzindo um novo ecossistema comunicacional reconfigurando práticas sociais. Neste contexto, as redes sociais transformaram a emissão e recepção dos bens culturais pelo público e as relações entre público x privado. As sociabilidades digitais agora são mediadas pelas tecnologias e pelos *retwets*, *likes*, adicionar amigos, compartilhar, reagir a uma publicação, criticar uma postagem, fazer uma live e postar fotos. Essas novas práticas sociais fazem parte do universo das juventudes contemporâneas e estão diretamente ligadas aos seus comportamentos e modos de se comunicar.

Os jovens, por sua vez, não estão livres das consequências alienadoras das tecnologias e a configuração de novas formas de exploração das suas subjetividades. O excesso de informações e o imediatismo que o pensamento das crianças, jovens e adultos estão expostos tem desencadeado um cansaço da informação e levado a um pensamento automático. Segundo Byung-Chul Han (2018) a Síndrome da Fadiga da Informação (SFI) é um transtorno psíquico gerado pelo excesso de informações e que tem causado nas pessoas déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar decisões e ter responsabilidades .

Estudos sobre o uso excessivo da tecnologia por adolescentes têm demonstrado que eles podem desenvolver características narcisistas, ter comportamento antissocial, tendências

---

<sup>12</sup>O ciborgue de Donna Haraway significa um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura de ficção (HARAWAY, 2001, p.36). Neste contexto, dizer que os seres humanos, no presente, são ciborgues é evidenciar o papel central que as tecnologias ganharam em nosso cotidiano e de como elas são produtoras de práticas sociais e sociabilidades para as juventudes. As pessoas e as máquinas estão cada vez mais conectadas por meio de um processo de intensa simbiose. Os jovens são o alvo primordial desse processo, constituindo uma subjetividade ciborgue. As imagens e símbolos compartilhados no ciberespaço geram significados e referenciam atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico (SALES, 2014).

agressivas, manias, distúrbios do sono, ansiedade, depressão, problemas na linguagem escrita e transtornos de atenção e de aprendizagem, sendo essas umas das disfunções mais comuns entre os jovens (SILVA; SILVA, 2017).

Quanto mais informação é liberada mais o mundo se torna não abrangível, fantasmagórico. A partir de um determinado ponto a informação não é mais informativa, mas sim deformadora, e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa (HAN, 2018). Terreno frutífero para proliferação das *fake news* e de desinformação através do uso das plataformas digitais para criação de dissonância cognitiva nos indivíduos, como pudemos ver no caso da mídiassfera extremista criado pela extrema direita a partir do bolsonarismo nos últimos anos no Brasil<sup>13</sup> (ROCHA, 2021).

Esse imediatismo converte a liberdade em coação e as redes sociais fortalecem essa pressão de comunicação, o que resulta na lógica do capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital. Segundo os historiadores Valdeci Araújo e Mateus Pereira (2022) experienciamos a passagem do tempo a partir do atualismo, pois não são apenas objetos e programas que “precisam” ser atualizados, os seres humanos também vivem constantemente sob a pressão do medo e do desejo de atualização (PEREIRA, ARAÚJO, 2022 ).

Multifacetado, transitório, fluído, tecnológico, hipermidiático, digital e atual são as palavras que caracterizam nosso tempo presente. Um tempo fragmentado, programado para sempre ser atual, não-obsoleto e de inovação. Um mundo com transformações rápidas que amplificaram o capitalismo e permitiram que ele se estendesse em redes globais pela internet. Explorando o tempo e coagindo a liberdade, as tecnologias e as mídias digitais também criaram uma esfera dissonante e alienadora nas redes sociais, onde o tempo explorado por meio da nossa atenção vale dinheiro para empresas de tecnologia e para nós o espetáculo é convertido em alienação.

Em contrapartida, nunca nos foi tão rápido acessar informações e conhecimentos como a internet possibilitou. A democratização dos meios e do acesso proporcionou bricolagens, reinvenções, conhecimentos livres e diversidades através das ideias de uma educação aberta, livre, plural, colaborativa e democrática. Um mundo potente e desafiador, mas não sem seus

---

<sup>13</sup> Em seu livro *Guerra Cultural e a retórica do ódio: Crônicas de um Brasil pós-político*, o historiador João Cezar de Castro Rocha, analisa a ascensão do bolsonarismo e a estratégia da extrema direita, que compartilha da estratégia da extrema-direita global, das tecnologias digitais e mídias para criar a desinformação e realidades paralelas em uma guerra cultural de ódio na busca da consolidação de um projeto totalitário de poder.

dilemas, conflitos e contradições que devem ser problematizados/explorados e discutidos pelos educadores.

### **Ensino de história e tecnologia: uma reflexão didática sobre o digital**

A escola pública estadual Professor Antônio de Barros Serra (ABS) fica na região central de São José do Rio Preto, é uma escola que atende vários bairros da cidade, por ficar em um entreposto, caminho para várias regiões da cidade. A escola oferta turmas do ensino fundamental II e do ensino médio nos períodos matutino, vespertino e noturno. Neste contexto, a escola tem uma grande diversidade social e cultural de jovens que frequentam o ensino fundamental e médio.

A pluralidade de identidades e visões de mundo das juventudes no ambiente escolar me permitiu pensar em formas de se ensinar história híbridas e que estivessem conectadas as vivências e as práticas sociais das juventudes na cultura digital. Assim, foi desenvolvido um trabalho a partir de um ensino de história híbrido, ciborguizado e com base no pensamento crítico, onde o ensino e a aprendizagem não são centralizados somente no professor, mas colocam o aluno como protagonista, construtor do seu conhecimento. Dessa forma, o pensamento crítico é um processo interativo, que exige a participação do professor e dos estudantes para que assim se forme uma comunidade de aprendizagem, onde o professor e os alunos constroem uma atmosfera de compromisso, confiança e participação potencializando a capacidade do aprendiz (HOOKS, 2020).

Para isso, o ensino de história esteve comprometido com o trabalho da disciplina escolar, a partir das especificidades do conhecimento histórico na formação da competência narrativa<sup>14</sup> e no desenvolvimento do pensar historicamente pelos estudantes. A consciência histórica se manifesta através da narrativa, que é a atividade criadora da história e que está diretamente relacionada a memória, que mobiliza a experiência do passado nas pessoas (WANDERLEY, 2016). A narrativa então é:

---

<sup>14</sup> Essa competência é a forma linguística no qual a consciência histórica realiza sua função de orientação através da narração. Pode se definir como a habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio da recordação da realidade passada.

competência geral relativa a “dar sentido ao passado” pode ser definida em termos dos três elementos que constituem juntos uma narração histórica: forma, conteúdo e função. Em relação ao conteúdo, pode-se falar de competência para a experiência histórica”; em relação à forma, de “competência para a interpretação histórica”; e em relação à função, de competência para a orientação histórica (RUSEN, 2010, p.58).

De todo modo, o ensino de história deve compreender também o conjunto de práticas, espaços, materiais e mídias que envolvem o saber histórico na matriz disciplinar da história, isto é, as carências de orientação no tempo, que mobilizam os interesses por história e que estão relacionados ao presente no passado e em suas perspectivas futuras. As carências de orientação no tempo instigam/ guiam e mobilizam os historiadores a investigarem critérios para novos sentidos históricos e assim fazerem uma reflexão específica, que por meio de métodos transformam o passado em história e historiografia (RUSEN, 2001; CERRI, 2014).

O professor de história ao mobilizar as experiências do passado dos estudantes, suas subjetividades e relacioná-las as narrativas históricas sobre o passado e às carências de orientação deles no presente vai então transformá-las em aprendizado histórico através das ferramentas do pensar historicamente: análises de documentos históricos, interpretações históricas e dimensões da passagem do tempo. Essas ferramentas do pensar historicamente, por sua vez, possibilitam que os estudantes tenham um quadro amplo de visões históricas (perspectivas) e que estão conectadas aos questionamentos e problemáticas da vida cotidiana, desenvolvendo nos estudantes o pensamento histórico (ALVES, 2011).

Segundo o historiador Durval Muniz Albuquerque uma das tarefas do professor de história é a problematização, as formas como o passado é relatado, nomeado e apresentado. A aula de história deve discutir como se nomeia, como se significa o tempo, o passado e o histórico (ALBURQUERQUE, 2016 ). O aprendizado histórico deve possibilitar ao aluno refletir e questionar construindo significados através das fontes históricas. O professor de história tem a função de trazer para a sala de aula problemas a serem investigados pelos estudantes. Essas problematizações devem ser desafiadoras e possibilitar que os estudantes desenvolvam as competências históricas, como a habilidade de interpretar as fontes históricas, construir hipóteses e comunicar o seu pensamento (BARCA, 2004).

Imersos no ciberespaço e na infodemia virtual os jovens vivem em um presente contínuo e trazem consigo suas visões de mundo, sua consciência história e que precisam ser trabalhadas através da aprendizagem histórica. Dessa forma, o letramento histórico dos jovens não é um monopólio do ensino escolar, já que aprendem história no âmbito familiar, nos



momentos de socialização com os amigos, com os meios de comunicação tradicionais e mídias digitais como na internet e redes sociais.

Assim, os jovens mobilizam sua consciência histórica a todo momento e em todos os espaços que ocupam para interpretar o mundo e a si mesmos. Por isso nós professores vivemos o que a historiadora Sonia Wanderley chamou de autoridade compartilhada, onde convivemos com série de outras formas de produção de sentidos históricos que devemos considerar para estarmos em sintonia com a forma como nossos alunos leem e interpretam a realidade (WANDERLEY, 2016).

Para Antonio Rodriguez de Las Heras e Roger Chartier (2001) as tecnologias digitais criaram uma cultura dual baseada nos antigos espaços seculares de transmissão do conhecimento ligados a cultura e práticas da escrita e que convivem agora com outros espaços, que são os virtuais onde se produz e se transmite o conhecimento por meio da internet e da cultura digital. Essa cultura dual, escrita e digital, fragmentária e multimídia tem impactado a recepção e produção do conhecimento pelos estudantes que habitam e transitam entre essas duas culturas.

Segundo o historiador Roger Chartier (1994) as tecnologias digitais possibilitaram a multiplicação de escritores, que podem agora através de novos suportes de transmissão da informação e conhecimento produzirem conteúdos a partir da textualidade eletrônica na internet. O ofício da História foi também impactado pelas tecnologias digitais de modo que transformou as formas como a história pode ser produzida. Com o surgimento das fontes históricas digitais e o uso das tecnologias e mídias para investigação científica se modificaram as formas como a história pode ser divulgada para o público. A partir das mídias digitais histórias podem ser contadas através das redes sociais, podcast, vídeos entre outros meios multimídias.

Segundo a historiadora Márcia Teté Ramos (2012) as fontes virtuais/digitais são muito valiosas para os professores de história, porque elas expressam o que os jovens pensam, suas opiniões e sentimentos. No entanto, apesar de terem como característica a provisoriedade e a fluidez, por serem fontes históricas “móveis”, através delas podemos compreender a consciência histórica e a cultura histórica de nossa época (RAMOS, 2012).

Para Márcia Teté Ramos (2012) através das comunidades virtuais ou de redes sociais os jovens expressam suas preferências, suas visões de mundo e identidades demonstrando

suas preferências e seu entendimento sobre o conhecimento histórico. Por isso, a historiadora observa que:

Através da interação nas comunidades virtuais, não importa se voltado para o entretenimento e/ou para a banalidade [...] o jovem interage aprendendo história, pois precisa argumentar, narrar, (re)elaborar uma narrativa, solicitar informações, responder perguntas, defender ou criticar o ensino de história, o professor de história e os materiais didáticos. Existe nestas comunidades, uma pedagogia informal, tornando o sujeito “aprendiz” nas múltiplas relações interativas que estabelece com o mundo e com os outros, se “aprender for entendido, fundamental e genericamente, como processo no qual as experiências e as competências são refletidas interpretativamente (RAMOS, 2012, p. 678).

A historiadora Márcia Teté Ramos (2012) evidenciou a importância de se compreender e investigar esses novos espaços sociais criados com o advento da internet, como as redes sociais porque através delas pode-se compreender as novas formas cognitivas que surgem das dinâmicas do ciberespaço, sendo um importante caminho para a aprendizagem histórica .

Nesse contexto, os professores de histórias deverão estar atentos as potencialidades dessas transformações para poderem estar conectados as novas formas que os alunos aprendem história por meio da internet. Isso quer dizer que pensar criticamente o uso das tecnologias no ensino de história é possibilitar que os estudantes se apropriem e utilizem essas ferramentas para suas aprendizagens, enquanto permite que os jovens compreendam o universo fragmentário e efêmero do digital apreendendo a questioná-lo pelas ferramentas da análise histórica e que levam os alunos a compreenderem as mídias digitais a partir dos seus mecanismos de produção e recepção nas sociedades, como um produto de seu tempo histórico e que possui potencialidades, mas também contradições.

Dessa forma, é nesse agir intencional no tempo, onde se considera as subjetividades dos estudantes, que é individual, mas também é coletiva, que a consciência histórica se manifesta. Nessa relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção que se realiza no processo da vida humana (RÜSEN, 2001). Nesse sentido, o ensino e a aprendizagem histórica devem atuar no desenvolvimento do pensar historicamente, nas problemáticas que serão construídas com base na racionalidade histórica onde os estudantes signifiquem o presente através do passado por meio da aprendizagem histórica .

## **Nas teias do digital: O Projeto História Digital Escolar**

O Projeto História Digital Escolar surgiu dessa necessidade de refletir sobre as formas como os jovens apreendem história no presente. As mídias digitais e as tecnologias integram a cultura das juventudes, suas realidades são atravessadas hoje pelas problemáticas das tecnologias e que envolvem questões cognitivas, mas também de atualizações de formas de dominação e controle da consciência humana.

A imersão na internet, no mundo digital em tempo real, bombardeado por informações que são consumidas de forma rápida e alienante reconfiguraram as formas como nos apropriamos das mídias. Adorno, Horkheimer e Herbert Marcuse definiram claramente essa forma de controle que ocorre por meio da indústria cultural em nossas mentes e corações. Reprogramados no presente, através das mídias digitais, os jovens têm se hibridizado cada vez mais com essas redes de informação e comunicação, hipermediáticas e fragmentadoras de sentidos, que constituem as identidades dos jovens do século 21.

A história navega nesse universo se reatualizando de diversas formas por meio da internet e das mídias digitais. Os passados em nosso presente se fragmentam em múltiplas direções. Passados digitais que tornam o presente cada vez mais imediatista e atualizado. Esses passados, por sua vez, evocam disputas pelo poder de narrativas, memórias e histórias. A consciência histórica, que possibilita nosso agir intencional no tempo, que dá sentido a realidade dos indivíduos, sua experiência com o tempo manifestada na identidade das pessoas está entranhada nas teias do imediatismo do digital.

Os jovens vivenciando essa multiplicidade de temporalidades sempre num fluxo contínuo e em constante atualização. Essa dimensão temporal de nosso presente, essa historicidade atualista, como demonstrado pelos historiadores Mateus Pereira e Valdeci Araújo, se caracteriza por uma historicidade em que um presente vazio e autocentrado se relaciona vaga e pragmaticamente com o passado, enquanto o futuro é desejado como reserva para a expansão linear deste presente em constante atualização repetidora (ARAÚJO, PEREIRA, 2022 ).

Neste contexto, sucessivas crises provocadas pelo capitalismo neoliberal mais a percepção de um futuro incerto talvez tenha contribuído para uma reatualização da perda de interesse dos jovens pela escola, o que tem favorecido ainda mais o acirramento das desigualdades entre aqueles que terão a possibilidade de entrar para uma universidade e

aqueles que serão preparados somente para a mão de obra no mercado de trabalho. Desse modo, o ensino de história serve como instrumento de enfrentamento e possibilidade nesse cenário de infodemia e de distração provocadas pelas tecnologias digitais.

A experiência de utilizar as tecnologias digitais no ensino de história, com o Projeto História Digital Escolar, ocorreu primeiramente com o 2º ano do ensino médio chamado de novo tec, posteriormente foi expandido para o 2º do ensino médio regular noturno e teve duração de 3 bimestres. A primeira etapa do desenvolvimento do projeto ocorreu com o 2º ano do novo tec, no 2º bimestre do ano letivo de 2022. Esse tipo de projeto foi desenvolvido integrado a proposta curricular para o ensino de história do currículo paulista para o ensino médio. Por outro lado, existia uma especificidade que atendia a uma demanda em relação a tecnologia, por isso dentro do contexto das aulas de história era destinado um tempo ( 20 minutos para orientação do andamento do projeto) relacionadas as ações de literacia digital<sup>15</sup>.

Nesse sentido, a ideia do projeto surge dos debates sobre a utilização da tecnologia na sala de aula e sobre pensar outras formas avaliativas que não fossem as tradicionais avaliações de conteúdo. Dessa forma, os estudantes demonstraram que as avaliações bimestrais de conteúdos são importantes, mas não avaliam totalmente seus conhecimentos e habilidades e por isso o projeto poderia contribuir para essa experimentação. A avaliação foi planejada como instrumento de transformação e possibilidade para as aprendizagens dos estudantes, rompendo com as práticas conservadoras de avaliação.

Estando a atual prática da avaliação educacional a serviço de um entendimento conservador da sociedade e da educação, para propor o rompimento dos seus limites, que é o que procuramos fazer, temos que necessariamente situá-la num outro contexto pedagógico, ou seja, temos de, opostamente, colocar a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupado com a educação como mecanismo de transformação social (LUCKESI, 2008, p.28).

O enfrentamento dessa problemática pelos jovens estudantes foi importante porque possibilitou que eles se colocassem não mais como objetos de ajustamento de uma avaliação, mas agentes desse processo avaliativo. O próximo passo foi o debate das ideias sobre o tema e do trabalho com as mídias. A experiência de uso da tecnologia pelos alunos nesse projeto foi

---

15 A literacia digital significa o desenvolvimento de habilidades necessárias para utilizar os computadores para navegar na internet ( CAPOBIANCO, 2010). Assim, a literacia digital é a capacidade do sujeito de entender e usar a informação de forma crítica e estratégica. Nesse viés ocorreria a ampliação do discurso e a possibilidade de elevação cultural por meio da literacia digital. Diante da literacia digital, o sujeito é capaz de receber a informação, selecioná-la e utilizá-la em seu cotidiano ( OLIVEIRA, GIACOMAZZO, 2017).

pensada a partir das próprias dinâmicas da cultura digital e de estratégias já utilizadas pela educomunicação<sup>16</sup>.

Nesse caso se priorizou a aprendizagem por imersão, autodirecionamento, o aprender fazendo, a sua agilidade com que manejam ideias, trabalho coletivo e colaborativo entre os pares para a construção de uma rede/comunidade de aprendizagem entre os alunos e a professora (VEEN; VRAKING, 2009). A comunidade de aprendizagem, segundo a professora e teórica Bell Hooks (2020) é baseada numa relação dialógica entre alunos e a professora, o que possibilitou que criássemos uma atmosfera de compromisso, confiança e participação potencializando a capacidade de realização do projeto para o aprendizado histórico.

Assim, o grande tema escolhido pelos alunos foi o da Ciência e Tecnologia em Debate<sup>17</sup>, que se desdobraram em 4 temáticas: Ciência e Tecnologia no Renascimento, Ciência e Tecnologia na Revolução Industrial, Ciência e Tecnologia na 1º e 2º Guerra e Ciência e Tecnologia na Guerra Fria. Após a definição das temáticas, os alunos reunidos em grupos tiveram que elaborar um roteiro de produção midiática. Nessa atividade, os estudantes deveriam evidenciar qual mídia utilizariam e os passos para sua produção. Os alunos elaboraram um roteiro que foi entregue a professora e contou como parte do processo de avaliação.

O ensino de história foi mobilizado para que os estudantes, no processo de produção audiovisual articulassem as temáticas com as ferramentas do pensar historicamente, isto é, a iniciação aos processos de investigação científica em história, como a análise e a crítica de fontes históricas e narrativas, construção de problematizações e sínteses articuladas a aprendizagem histórica e as competências: experiência, interpretação e orientação.

A professora também criou um canal no Youtube, @projetohistoriadigitalescolar, para que as produções dos estudantes fossem divulgadas :

---

<sup>16</sup> A Educomunicação se caracteriza como um paradigma teórico-metodológico que entende as relações interpessoais como o foco principal e diferenciado das intervenções socioeducativas, e é a favor da ampliação da capacidade de atuação dos participantes a partir do ecossistema comunicativo. Neste contexto, o estudante desenvolve o pensamento crítico por meio da interação com as mídias tradicionais e mídias digitais, bem como o letramento quanto ao uso das tecnologias da informação e comunicação (MELLO, VIANNA, 2013).

<sup>17</sup> Esse tema está relacionado ao conteúdo que estava sendo trabalhado com os alunos no 1º Bimestre do ano de 2022, dentro do Currículo Paulista para o ensino médio.

Figura 1- Canal no Youtube História Digital Escolar



Fonte: Printscreen da autora do canal na plataforma Youtube História Digital Escolar, 2023.

Nesse processo cada grupo pode desenvolver suas habilidades a partir de uma mídia específica. Desse modo, tivemos uma diversidade de mídias sendo que cada grupo escolheu um tipo como o podcast, vídeo animado no formato para o *Youtube*, vídeo em formato para o *TikTok* e a construção de um site informativo. Para finalização, os grupos tiveram que socializar o processo de produção audiovisual por meio de seminário que ocorreu durante 2 aulas.

O grupo Ciência e Tecnologia na Revolução Industrial<sup>18</sup> formado pelos estudantes Thais, Samira, Rafaela e Pablo produziram um vídeo animado com o editor *invideo.io*. Nesse vídeo os alunos utilizaram animação e imagens históricas articuladas com a narração para tratar do tema. Dessa forma, pode-se perceber o trabalho colaborativo dos jovens que se articularam para a produção audiovisual.

No vídeo também podemos visualizar o reconhecimento pelos estudantes das permanências e mudanças no tempo em relação a Revolução Industrial. A narrativa histórica digital construída por eles no vídeo fez como fio condutor das experiências passadas, através do contexto histórico de desenvolvimento da revolução industrial. Ao fazerem isso, articularam ao seu espaço de experiência, ou seja, descrevendo os impactos da Revolução Industrial no presente, através das mudanças climáticas. Assim, ao interpretarem historicamente aqueles acontecimentos do passado os alunos deram sentido aos problemas vividos no presente. Segundo Ronaldo Cardoso Alves (2011) essa capacidade de aplicar as experiências passadas no presente é chamada por Jorn Rüsen de sensibilidade histórica. Uma

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FP43nxNHE1w>

importante operação mental do pensar historicamente e pressuposto para as aprendizagens históricas.

Figura 2 - Vídeo produzido pelo grupo Revolução Industrial Ciência e tecnologia



Revolução Industrial -

Fonte: Printscreen da autora, vídeo do canal do Youtube História Digital Escolar, 2023.

Ao ler e interpretar o passado histórico da Revolução Industrial os estudantes puderam através da projeção e da produção do vídeo, criar uma narrativa histórica digital e desenvolver a competência de interpretação, isto é, a capacidade de descrever, datar e localizar temporalmente no tempo e espaço aquele acontecimento ou fato histórico.

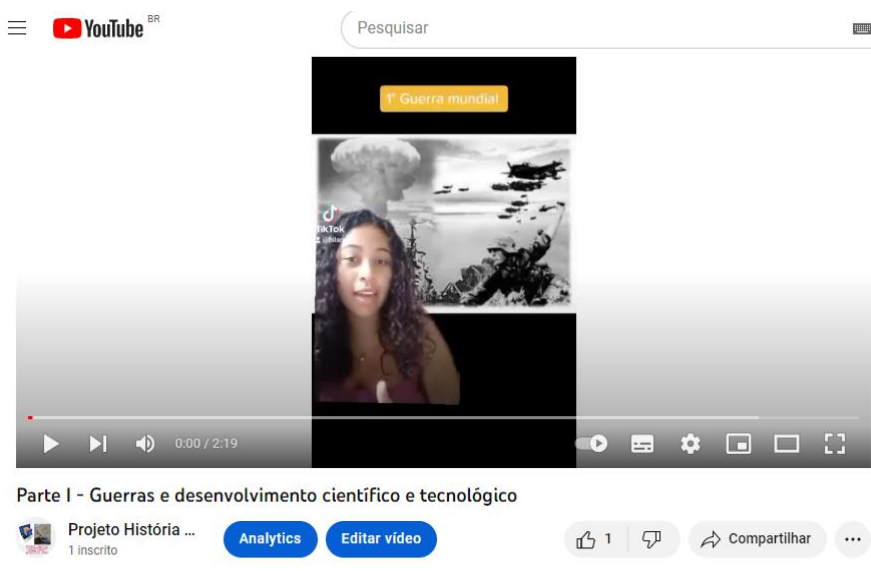
A competência de orientação foi desenvolvida pelos jovens a partir da narração histórica digital, essa competência de orientação da experiência passada foi onde os estudantes puderam por meio da construção da narrativa histórica articular passado-presente e futuro, interpretando os fatos históricos, orientando-se subjetivamente na autocompreensão dos acontecimentos históricos da revolução industrial e que foram relacionadas as problemáticas do presente, que fazem parte da vida deles, como a relação entre a Revolução Industrial, desenvolvimento tecnológico e exploração do meio ambiente.

O grupo Ciência e Tecnologia e grandes guerras<sup>19</sup> desenvolveu seu projeto inspirado no formato dos vídeos curtos do *TikTok*. Dessa forma, as estudantes Hilari, Isabela e Pedro utilizaram os recursos disponíveis na mídia *TikTok*, como edição de imagens e recursos de

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxPrxzs89HY>

*designer* para criar sua narrativa histórica digital. Por meio de um formato de esquetes rápidas, como nos primórdios do cinema, e com destaque para inserção de imagens históricas, os jovens contaram a história das grandes Guerras e a sua relação com o desenvolvimento científico e tecnológica no século 20. Desse modo, a aluna Hilari fez a parte comunicativa do vídeo apresentando em sua narrativa os aspectos das competências do pensamento histórico que são: a experiência, a interpretação e orientação. Na narrativa histórica buscou apresentar através das imagens históricas as formas como o passado se encontra no presente, evidenciando o papel das guerras no desenvolvimento científico e como essa problemática ainda permanece em nosso presente.

Figura 3 - Ciência e tecnologia e grandes guerras



Fonte: Printscreen da autora, do vídeo canal do Youtube História Digital Escolar, 2023

O grupo Ciência e Tecnologia na Guerra Fria<sup>20</sup> composto pelos estudantes Guilherme, Victoria, Rayssa e Maria Eduarda optaram por utilizar a mídia podcast. A mídia podcast, por se tratar de um recurso de áudio mobilizou estratégias diferentes de narração e de edição pelos jovens. Os estudantes buscaram criar, por meio da narrativa, uma atmosfera que levasse o ouvinte a exercitar sua imaginação e sensibilidade histórica em relação ao tema. Nesse sentido, os estudantes buscaram construir o seu roteiro tendo como fio condutor da narração o impacto das tecnologias criadas no contexto da Guerra Fria no presente. Dessa forma, os

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6C6SgJVgiT8>



alunos demonstraram a compreensão das mudanças temporais e como o passado ainda permanece no presente exercitando a competência do pensamento histórico que é a experiência.

No podcast destacaram a importância dos desenvolvimentos tecnológicos da guerra fria para as tecnologias do presente, localizando no espaço e tempo essas transformações, ao mesmo tempo que interpretaram esses fatos históricos a partir de uma leitura crítica dos seus acontecimentos. Importante evidenciar que o grupo utilizou a sua autocompreensão do tema histórico, suas subjetividades e identidades demonstrando através da narrativa histórica a competência de orientação histórica, que busca no seu subjetivo relacionar aquele tema histórico com as questões da sua vida cotidiana.

Figura 4 - Podcast Guerra Fria Ciência e Tecnologia



PODCAST – Ciência, Tecnologia e Guerra Fria

Fonte: Printscreen da autora, vídeo do canal do Youtube História Digital Escolar 2023.

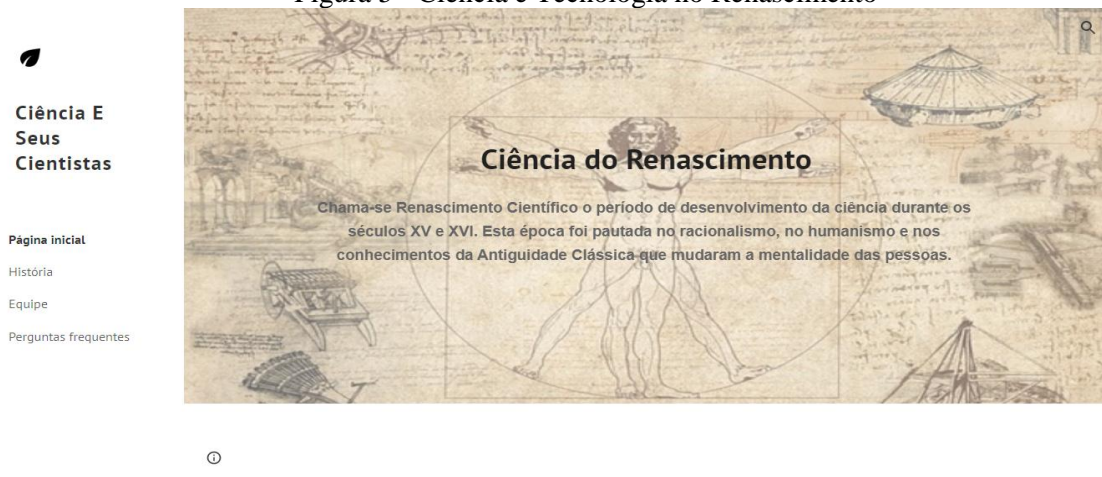
A criação de um site “Ciência e seus Cientistas no Renascimento”<sup>21</sup> foi proposto pelo grupo Ciência e Tecnologia no Renascimento. A ideia do site foi projetada e construída pelo aluno Guilherme, que juntamente com os alunos Caic e Rafael criaram um roteiro para elaboração. O site foi construído a partir do *google sites* e nele os alunos configuraram *links* que contavam a história dos principais cientistas renascentistas, bem como a biografia de mulheres e homens cientistas que marcaram a história. Os alunos buscaram na

<sup>21</sup> Disponível em: <https://sites.google.com/view/cincia-e-seus-cientistas/p%C3%A1gina-inicial?pli=1>

hipertextualidade do site criar funcionalidades que facilitaram a navegação pela textualidade eletrônica.

Assim, podemos destacar que esse grupo a partir da competência de interpretação histórica buscou dar sentido aos acontecimentos passados dos seus pontos de vistas, considerando que dentro da temática escolhida o grupo destacou os cientistas e sua relação com o contexto histórico. As competências de orientação e experiência foram desenvolvidas quando os estudantes, a partir dos seus referenciais históricos e culturais, isto é, as ideias e argumentos do seu universo cultural e identitário os orientaram na projeção do site, evidenciando a partir da competência de experiência o reconhecimento das mudanças no tempo e espaço que foram materializadas a partir do conteúdo histórico no site.

Figura 5 - Ciência e Tecnologia no Renascimento



Fonte: Printscreen da autora, do google sites Ciência no Renascimento, 2023.

O desenvolvimento do projeto história digital escolar foi muito importante porque possibilitou que os jovens utilizassem e se apropriassem das ferramentas da cultura digital, ao mesmo tempo que utilizavam as ferramentas do pensar historicamente para construir seus roteiros e produzirem conteúdos históricos através de narrativas históricas utilizando as mídias digitais. Nesse aspecto, são demandas do presente e que através de projetos de formação pelas mídias digitais que possibilitam o empoderamento dos usuários-sujeitos para uma atuação crítica e transformadora de sua realidade e da realidade de seus pares, o que envolve muitas outras competências que não estão restritas à habilidade no manejo técnico (VIANNA, MELLO, 2013 APUD JENKINS, 2009).

O projeto história digital escolar se desdobrou em um segundo momento no 3º e 4º bimestre de 2022. O planejamento dessa atividade esteve relacionado ao conteúdo do período da República Velha e aos movimentos de revoltas populares do período. Essa atividade se tornou importante porque estimulou nos alunos a curiosidade para aprender e investigar sobre a temática em outros momentos que não fossem na sala de aula, construindo a prática do ensino híbrido.

Os estudantes, por sua vez escolheram desenvolver o projeto construindo um jornal online com a temática desigualdades sociais no período da República Velha. Nesse jornal os alunos criaram reportagens, narrativas digitais sobre conteúdos históricos. Nesse contexto, o trabalho foi realizado de maneira individual. Os alunos elaboraram um roteiro e através de editores de design gráfico como *Canva* e *Genially*, elaboraram jornais com diversas temáticas que incluíam: Guerra de Canudos, Contestado, Greves Operárias, Coluna Prestes, Revolta da Armada e Modernismo e a brasilidade. Em seguida, após a elaboração eles deveriam postar em um mural virtual<sup>22</sup>.

Figura 6 - Mural Virtual Padlet onde os jornais históricos foram postados pelos estudantes



Fonte: Printscreen da autora, do mural virtual Padlet, 2023.

<sup>22</sup> O mural virtual foi construído pela professora pela plataforma Padlet, disponível em: <https://padlet.com/brunamarinohistoria/desigualdade-social-e-revoltas-sociais-na-rep-blica-velha-ou-otcrwpa7ioyx7n07>

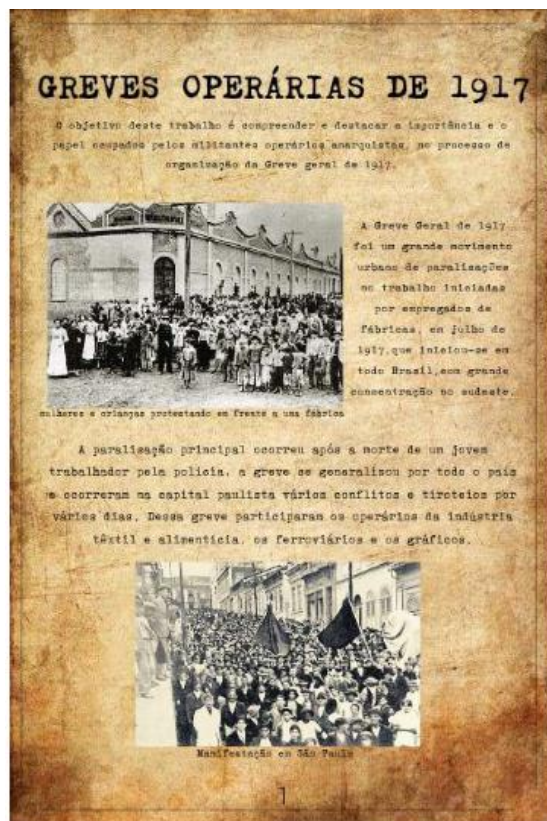
A dinamicidade da cultura juvenil está associada ao aprender fazendo, sua flexibilidade e imersão puderam estar materializadas através da atividade do jornal histórico digital. O ensino de história, nesse contexto, foi um tipo de conhecimento que permitiu aos estudantes adquirirem as competências e habilidades críticas em relação a esse universo infodêmico e digital em que vivemos. As ferramentas do pensar historicamente que são a contextualização, interpretação e aplicação desses conhecimentos na identificação e crítica as fontes e narrativas históricas foram utilizadas para fabricação da matéria jornalística, bem como os recursos imagéticos e visuais utilizados para compor o jornal.

Figura 7- Jornal Histórico Revolta da Vacina



Fonte: Produzido pelo aluno Kelge 2 novo tec, Printscreen da autora do mural virtual Padlet, 2023.

Figura 8 - Jornal Histórico Greves Operárias.



Fonte: Produzido pela aluna Victoria 2 novo tec, Printscreen da autora, mural virtual Padlet, 2023.

O projeto demonstrou que a tecnologia no ensino de história foi uma potencializadora da aprendizagem histórica dos estudantes, na medida em que foi através das tecnologias e mídias digitais que os estudantes puderam desenvolver o pensar historicamente, ou seja, a tecnologia foi um meio que possibilitou que os jovens compreendessem os sentidos atribuídos ao passado, construindo novos sentidos e significações por meio da leitura, da pesquisa e da interpretação da história. Nesse sentido, foi por meio das dinâmicas e das ferramentas da cultura digital que a aprendizagem histórica foi construída. Os jovens produziram e compartilharam seus conteúdos, suas narrativas históricas digitais tornando-se autores a partir do aprender fazendo, além de uma forma de comunicação e divulgação dos seus trabalhos em ambiente digital.

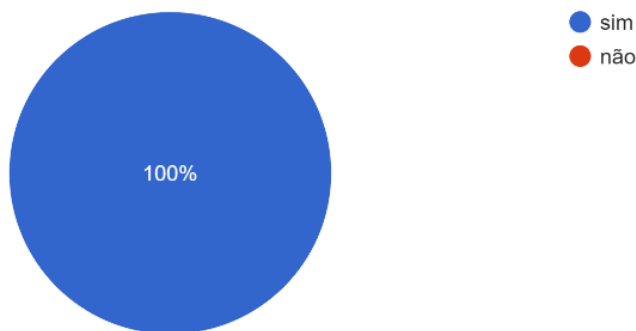
Para autoavaliação do projeto a professora encaminhou para os estudantes um questionário online sobre suas conclusões em relação ao projeto História Digital Escolar. O questionário foi respondido por 12 alunos do 2º do ensino médio. As perguntas incluíam sua

opinião em relação ao desenvolvimento do projeto, autoavaliação e importância da sua realização.

Figura 9 - Questionário Autoavaliação do Projeto- Questão 1

O projeto de história digital possibilitou que vocês pudessem aprender história de uma outra forma através da tecnologia?

12 respostas



Fonte: Printscreen da autora, google formulários, 2023.

A partir das respostas dos estudantes pode-se evidenciar que o projeto foi importante para todos porque possibilitou a aprendizagem histórica através da tecnologia. Neste contexto, para o 2º ano novo tec, o projeto se conectou as discussões e atividades do curso permitindo uma maior integração da formação geral básica, história, a formação técnica, informática. Essa junção entre história e informática foi muito positiva, na visão dos estudantes.

**Figura 10- Respostas dos estudantes da Questão 2:**

Escreva sua opiniao sobre o projeto historia digital e a producao de podcasts, videos e sites por vocês?

12 respostas

- Eu amei fazer o podcast foi bom isso é um começo para tecnologia e por os alunos
- Inovadora e diferente, gostei
- Eu gostei  
Posso até dizer que aprendi melhor pesquisando e fazendo toda a apresentação
- Achei bem legal acho que deve ser feito mais vezes
- Eu gostei bastante do projeto, pq é uma forma de aprendermos com tecnologia junto
- É bom para os alunos se unir mais se conhecer melhor
- Eu acho muito legal mas da um pouco de trabalho fazer
- Super dinâmica e descontraída. Foi um jeito de nos motivar e de estudar por conta própria de forma leve.

Fonte: Printscreen da autora, google formulários, 2023.

De maneira geral, a autoavaliação foi fundamental para a professora ter um diagnóstico do projeto e a percepção dos estudantes em relação ao processo de realização do projeto História Digital Escolar. Foi muito positivo observar as respostas dos estudantes e averiguar suas possibilidades. Muitos apontaram para a questão da motivação e que a tecnologia foi o despertar do interesse para o conhecimento histórico, um caminho para suas aprendizagens. Outro ponto importante de ser evidenciado foi em relação a formação de uma comunidade de aprendizagem, do trabalho colaborativo e da união entre eles. O projeto possibilitou que os jovens se unissem e que realmente criassem uma comunidade de aprendizado para realização das atividades, superação de dificuldades e de aprendizado colaborativo.

Figura 11- Respostas dos alunos Questão 3- questionário autoavaliação projeto História Digital Escolar

De que modo a tecnologia pode contribuir para um melhor desempenho de vocês nas aulas de história?

12 respostas

A gente pode fazer trabalhos mais rápidos e tudo mais

Aumenta o aprendizado e tem haver com o curso Novotec

Atividades online provas etc..

Com vídeos, PowerPoints

a tecnologia trás mas descontração, motivação e autonomia.

Entender a história de forma mais divertida e interessante.

acaba que todo mundo se interessa mais

Na parte de integrar os computadores na rotina, de trabalhos no word e pesquisas na internet

Além de ser uma forma interessante e importante de ser trabalhada,é uma das melhores formas de adquirir conhecimento e produzir com mais agilidade.

Foi legal fazer esse tipo de projeto em grupo, é um tipo de projeto bem diferente do que somos acostumados a fazer na escola.

eu acho muito interessante

Eu gostei por ser um meio avaliativo diferente

Gosto da forma dinâmica das aulas,que são interessantes e também fazem com que a sala fique mais unida.

Fonte: Printscreen da autora, google formulários, 2023.

A partir de suas respostas pode-se evidenciar que a maioria dos alunos compreendeu que as tecnologias podem ser utilizadas como ferramentas para suas aprendizagens e que potencializam as aulas de história. Os estudantes demonstraram que querem aprender história para além das aulas expositivas ou aquelas que tenham que decorar uma série de conteúdos, ou seja, querem aprender história fazendo e mobilizando seus conhecimentos históricos e aplicando-os em projetos como o que desenvolvemos. O Projeto História Digital Escolar foi importante porque também aproximou os jovens da cultura escolar motivando-os para o interesse pelo conhecimento e para a conscientização do papel da educação em suas vidas.



Na esteira dos pensamentos de Sonia Wanderley (2016) e Luís Fernando Cerri (2014) que evidenciam um diálogo entre epistemologia da história e a didática da história, buscou-se possibilitar que os alunos desenvolvessem através da aprendizagem histórica, dos saberes e fazeres do método histórico a criticidade diante das informações e conhecimentos sobre o passado, utilizando-se do conhecimento histórico para sua vida, ao mesmo tempo que os conhecimentos e habilidades tecnológicas, que advém da cultura digital possibilitaram que os alunos tivessem uma compreensão ampla, complexa e crítica das formas com que as narrativas são fabricadas pelos meios midiáticos e tecnológicos, de modo que puderam relacionar o letramento histórico do mundo ao letramento digital.

Essa importante conexão entre a ciência da história e a vida prática, como apresentada por importantes historiadores como Jorn Rüsen (2010), Luis Fernando Cerri (2014) e Sônia Wanderley (2016) permitiu a professora de história por meio do conhecimento histórico escolar mobilizar as experiências no tempo dos estudantes, suas narrativas, seu pensamento histórico e estabelecer um quadro interpretativo do presente onde eles puderam projetar o seu futuro a outros futuros passados. O que só é possível pela recuperação das suas experiências no passado.

Além disso, guiados pelo pensamento de Isabel Barca (2004) e Ronaldo Cardoso Alves (2011), pudemos evidenciar o desenvolvimento do pensar historicamente nesse projeto e que ocorreu por meio de problematizações que demonstraram serem desafiadoras ao possibilitarem que os estudantes desenvolvessem as competências históricas como a habilidade de interpretar as fontes históricas, construir hipóteses e comunicar o seu pensamento através das narrativas históricas digitais materializadas nos vídeos, podcast e site.

## **Conclusões**

A escola e a sala de aula estão atreladas aos processos e práticas sociais que advém da cultura digital. A geração digital é composta por jovens que executam múltiplas tarefas e que pensam por imagens e que querem informações rápidas porque tem acesso a elas na palma de suas mãos pelo celular. Nós, professores, fomos os mais impactados por essa tensão, estamos vivenciando essa cultura dual, entre a cultura escrita e a cultural digital, que é fragmentária e multimídia e que tem impactado a forma como os jovens aprendem, é uma mudança cognitiva em relação ao ensino e a aprendizagem.

Por sua vez, essa tensão precisa ser superada para que a escola ganhe um novo sentido para as juventudes no tempo presente, sobretudo para o despertar de seus interesses para a importância da educação em suas vidas, para sua formação humanística e profissional. Não é uma tarefa fácil, pois em meio a crises sucessivas do capitalismo, o aumento do desemprego, o descredito da escola e a perda de autoridade dos professores estão associadas a um contexto global desafiador. A escola deve reinventar seus espaços buscando reconfigurar seus sentidos. Portanto, a tecnologia quando integrada as práticas pedagógicas docentes pode ser um caminho para novas experimentações, sobretudo porque ela faz parte das culturas juvenis no presente.

Os jovens têm sofrido as consequências alienadoras das tecnologias e a configuração de novas formas de exploração das suas subjetividades. O excesso de informações e o imediatismo que o pensamento das crianças, jovens e adultos estão sendo expostos tem desencadeado o pensamento automático e acrítico, terreno fértil para que formas de alienação e dominação por meio da exploração dos indivíduos se tornem cada vez mais comuns através das tecnologias de controle e vigilância.

A tecnologia, nesse contexto, deve ser pensada como um meio de potencialidade e de enfrentamento de formas alienantes e de desinformação que tem impactado a educação nos últimos anos. Vivemos em uma sociedade da informação e do conhecimento, que por outro lado, tem diminuído o papel da educação e do ensino de história na vida dos jovens, o que é um perigo.

Os últimos anos tem demonstrado serem de desafios e de superação das barreiras sociais e econômicas para os jovens brasileiros . Esse cenário está relacionado a defasagem nas aprendizagens decorridas do contexto do ensino remoto na pandemia, bem como a crise econômica que tem gerado a falta de oportunidades educacionais e de emprego para as juventudes.

Dessa forma, professores, educadores e o poder público devem estar conscientes que um dos desafios é garantir oportunidades educacionais equitativas e de qualidade para os jovens, de modo que promova mudanças pedagógicas para o despertar de seu interesse para o conhecimento. De acordo com o Atlas da Juventude (2022) os jovens na universidade e no ensino médio respondem a diferentes tipos de tarefas de formas distintas, sendo que as tarefas com interação e uso de tecnologias como a adoção de mídias como vídeos e áudios são as

mais efetivas para atrair seu interesse e na melhoria e no aprimoramento do aprendizado (BARÃO, RESENGUE, LEAL, 2022).

O ensino de história nesse projeto teve o intuito de trabalhar nos desenvolvimentos de práticas pedagógicas que dialoguem com as potencialidades cognitivas que os jovens constituíram a partir das transformações da era digital, mas também de estimulá-los a terem uma atitude cidadã, de ser e estar no mundo e da sua responsabilidade social diante da cultura digital. Nesse sentido, a intervenção a partir do Projeto História Digital Escolar visou atuar na ampliação do acesso à educação, a permanência escolar e a melhoria do desempenho desses alunos. A juventude é um segmento estratégico para o futuro do país e por isso a importância de se pensar caminhos que dialoguem com suas vivências e que estejam conectados a um projeto de futuro emancipador e que gerem oportunidades atendendo as diversidades que compreendem as juventudes brasileiras .

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de história. In: GABRIEL, Carmen Teresa; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus Leonardo B. (Org.) **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

ALVES, R. C. **Aprender história com sentido para vida: consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses**. 2011. 322p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

BALESTRO, M. ; SILVA, E. P. . **"Brasil Paralelo" atuação, dinâmica e operação: a serviço da extrema-direita (2016-2020). Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo**. 1ed.Ponta Grossa: Texto e Contexto Editora, 2020, v. 1, p. 326-354.

BARCA, I. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) /Instituto de Educação e Psicologia**, Universidade do Minho, 2004.

BARÃO, M; RESEGUE, M; LEAL, R. **Atlas da Juventude**. FGV SOCIAL, 2022.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCCHESI, Anita. História Digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHARTIER, R. ; LAS HERAS, A. R. de. **Cibercultura: El futuro del libro y el libro del futuro. Una conversacion entre Roger Chartier y Antonio Rodriguez de Las Heras**. Litterae, Cuadernos sobre cultura escrita, 2001.

CORREIA, A. A. P. **Literacia digital e aprendizagem informal em modelo de web participativa**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em estudos de informação e bibliotecas digitais) - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2009.

DAYRELL, J. **A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28. 2007.

DAYRELL, J. ; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Orgs) **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

FREITAS, M. V. D.; ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAN, B-C. **No exame: perspectivas do digital**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, B-C. **Favor Fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, Vozes, 2021.

HERMETO, M.; ALMEIDA, R. DE. Introdução: História pública e ensino de história: Caminhos em movimento. In: **História Pública e ensino de história**/ Organizadores Mirian Hermeto, Rodrigo de Almeida Ferreira – São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021.

HOBBSANW, Eric J. **A Era dos Extremos – O breve século XX**. Rio de Janeiro, Editora . Paz e Terra, 1994.

HORKHEIMER, M. ; ADORNO, T. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**/ tradução Marcelo Brandão Cippola. São Paulo. Editora Martin Fontes, 2013.

HOOKS, B.. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria Prática**. Tradução: Bhuvi Libânio. Editora Elefante, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **AValiação da Aprendizagem Escolar**. 19 ed. São Paulo. Editora. 2008.

NERI, M. **Atlas das juventudes – Jovens, população e percepções**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NERI, M. **Jovens: projeções populacionais**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NERI, M. **Juventudes, educação e trabalho: Impactos da pandemia nos nem-nem**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021.

NICOLAZZI, F. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia 24-28 de maio de 2021**. Centro de Pesquisa e Formação Sesc, São Paulo, 2021.

SALES, S. R. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SILVA, T. d. O; SILVA, L. T. G. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso). acessos em 10 jul. 2023.

SIMAN, C S. L. M. de; COELHO, A. R. O Papel da Mediação na Construção de Conceitos Históricos. **Educação & Realidade**, 40(2), 2015.

OLIVEIRA, M. M.; GIACOMAZZO, G. F. Educação cidadania: perspectivas da literacia digital crítica. **Artigos EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 43, p. 153-174, maio/ago. 2017.

PENNA, F. de A. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”:: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, 2018. DOI: 10.22483/2177-5796.2018v20n3p567-581. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3240>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PEREIRA FARIA, M. H. DE.; ARAUJO, V. LOPES DE. O passado como distração: Modos de vestir a história no neopopulismo brasileiro. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 70–88, 2023. DOI: 10.5216/rth.v25i2.74060. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/74060>. Acesso em: 8 jul. 2023.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais “eu amo história” e “eu odeio história” e uma questão antiga: para que serve a história? *Antíteses*, v. 5, n. 10, p. 665-689, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1ª Edição. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RÜSEN, J. Razão **histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Tradução de Estevão de Rezende Martins. UnB, 2001.

RÜSEN, J. **História Viva: teoria da história - Formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007

SILVEIRA, S. A. da. **Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

TOURAINÉ, A. **A sociedade Post-Industrial**. Tradução: Ruth Delgado. Lisboa: Moraes Editora, 1970.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo zappiens: educando na era digital**. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WANDERLEY, S. O entrelugar do aprendizado escolar de História: uma perspectiva de História Pública. *Revista História Hoje*, v. 9, nº 18, p. 125-144 – 202.

WANDERLEY, S. Narrativas Contemporâneas de História e Didática da História. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil - Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ZUBOOF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância. A luta pelo futuro humano na nova fronteira de poder**. Tradução de George Schlesinger. 2. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

---

**Recebido em:** 14 de julho de 2023  
**Aceito em:** 30 de outubro de 2023

---